



ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOUSADA
Prova Escrita de **Português/B**

Ano de Escolaridade: **12º**

Grupo I

Depois de ler atentamente o poema responda, cuidadosamente, às questões que lhe são colocadas:

*Pois que nada que dure, ou que, durando,
Valha, neste confuso mundo obramos,
E o mesmo útil para nós perdemos
Connosco, cedo, cedo,*

*O prazer do momento anteponhamos
À absurda cura do futuro, cuja
Certeza única é o mal presente
Com que o seu bem compramos.*

*Amanhã não existe. Meu somente
É o momento, eu só quem existe
Neste instante, que pode o derradeiro
Ser de quem finjo ser?*

Ricardo Reis

1. Identifique o assunto do poema.
2. Explique por palavras suas o significado da expressão presente no verso 2 "confuso mundo".
3. Indique a filosofia de vida expressa neste poema.
4. Explique por que razão o poeta considera que o "mal presente" é preferível "À absurda cura do futuro".
5. Faça o levantamento dos recursos estilísticos mais evidentes presentes no poema, característicos da poesia de Ricardo Reis.

Grupo II

Álvaro de Campos, incorporando todas as possibilidades sensoriais e emotivas, apresenta-se entre o apogeu da dinâmica em fúria e o abatimento sincero, mas quase absurdo.

Fundamentando-se naquilo que estudou deste heterónimo, desenvolva o seu comentário a esta afirmação, num texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de **cem a duzentas palavras**.

GRUPO I

1. A temática do poema é a da efemeridade da vida e a consequente necessidade de viver o momento presente, pois na vida tudo é tão frágil que essa aguda consciência da fragilidade leva-o a afirmar, na última estrofe, que qualquer instante pode ser o derradeiro (último) momento da sua vida, do seu ser.
2. “Confuso mundo” – Talvez tenha a consciência de que na vida tudo é imprevisível e precário. Tudo tem limites. A passagem inexorável do tempo é superior à vontade humana e isso é algo que pesa na sua postura face à vida.
3. A filosofia de vida aqui expressa é a do “carpe diem” horaciano e o epicurismo-estoicismo, uma vez que aqui se revela a importância de gozar o momento presente, tirando apenas o prazer desse instante, apelando à racionalização das emoções. O estoicismo é visível, pois não são aqui expressas quaisquer paixões, mas sim a autodisciplina e o autocontrolo defendido pelos estóicos.
4. Atendendo a que a vida é fugaz, efémera, breve, é preferível viver aquilo que no momento temos, a esperar mudanças futuras, pois poderão nem ser já vividas por nós. Além disso, “o mal presente” é a única certeza que o poeta possui, mesmo porque o futuro é desconhecido e nada lhe garante que o que aí vai encontrar não seja tanto ou mais absurdo do que aquilo que tem no presente. Ele tem medo de um futuro desconhecido e, por isso, prefere contar unicamente com aquilo que tem do que esperar que o futuro lhe traga algo melhor...
5. Metáfora – “Com que seu bem compramos”; Antítese - “mal” (v.7) / “bem” (v.8); Hipérbato – verificável ao longo de todo o poema; Verbos no Presente do Conjuntivo: “obramos”, “anteponhamos”, com um valor apelativo.

GRUPO II

Como refere a afirmação, Álvaro de Campos situa-se entre o excesso da dinâmica em fúria e o abatimento, visto que o seu drama reside numa espécie de frustração total, feita de incapacidade de unificar em si pensamento e sentimento, mundo exterior e mundo interior. Tal como o seu criador (Fernando Pessoa), revela a mesma incapacidade de adaptação à existência, e a mesma demissão da personalidade íntegra.

Serve-se da máquina, irracional e exterior, para projectar os seus sonhos e desejos, materializando-se, até, quando deseja poder exprimir-se todo “como um motor se exprime” e “ser completo como uma máquina” (“Ode Triunfal”). Para tal, incorpora “todas as possibilidades sensoriais”, numa totalização das sensações, à maneira de Walt Whitman. Pretende “sentir tudo de todas as maneiras”, de modo a ultrapassar a fragmentaridade numa “histeria de sensações”. A perfeição e a força da máquina são compensações para os seus próprios fracassos e recalcamientos, para a sua inadaptação.

Todavia, Campos passa desta fase eufórica para uma disfórica, revelando-se decaído, melancólico, apontando a infância como símbolo de felicidade perdida, como o testemunha o poema “Lisbon revisited”, de 1923.